

Relatório Primeira Reunião Geral - 2022

Grupo de Trabalho Finanças Verdes

Consultor-âncora: Leonardo Werneck

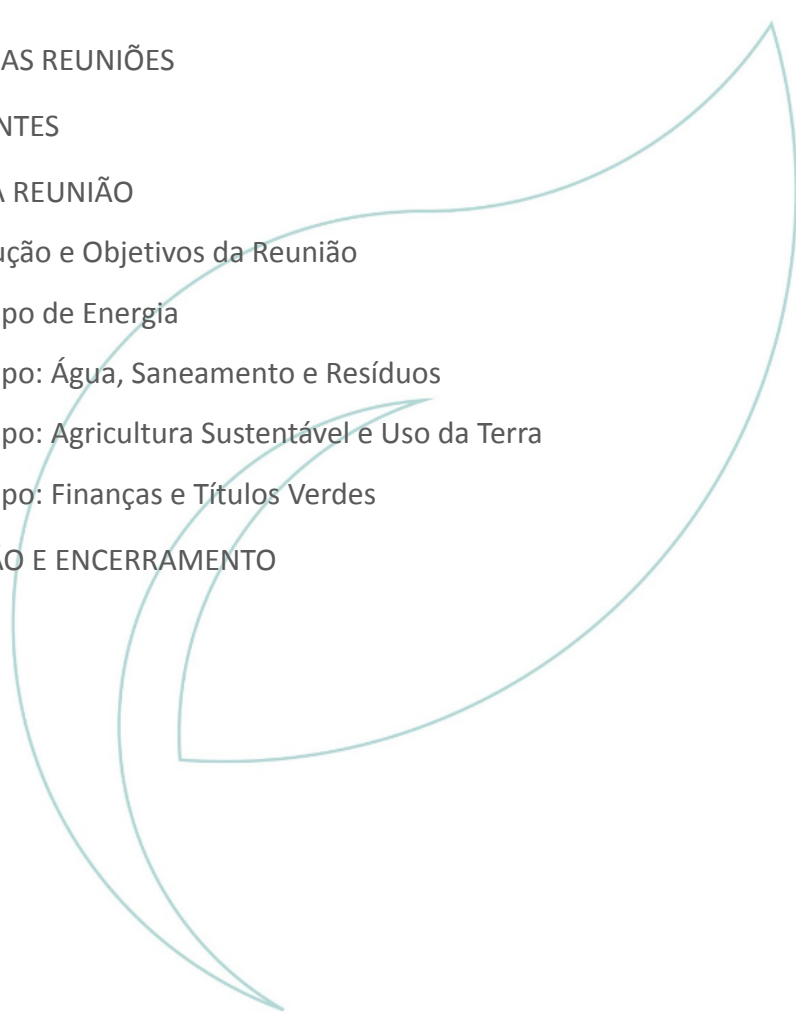
Data: 17 a 19 /05/2022



Laboratório de Inovação Financeira

Índice

| | |
|--|----|
| AGENDA DAS REUNIÕES | 3 |
| PARTICIPANTES | 6 |
| RELATO DA REUNIÃO | 4 |
| Introdução e Objetivos da Reunião | 4 |
| Subgrupo de Energia | 5 |
| Subgrupo: Água, Saneamento e Resíduos | 9 |
| Subgrupo: Agricultura Sustentável e Uso da Terra | 12 |
| Subgrupo: Finanças e Títulos Verdes | 15 |
| CONCLUSÃO E ENCERRAMENTO | 18 |



AGENDA DAS REUNIÕES

16/05: SUBGRUPO ENERGIA

| Hora | Conteúdo | Palestrante |
|---------------|--|--|
| 14:00 - 14:05 | Abertura | ABDE BID CVM GIZ |
| 14:05 - 14:15 | Status das iniciativas do SG Energia e apresentação da agenda e propósito da reunião | Ricardo Nogueira Consultor LAB |
| 14:15 - 14:25 | Perspectiva do PROCEL – Programa Nacional de Conservação de Energia Elétrica | Marcel Siqueira Procel / Eletrobras |
| 14:25 - 14:35 | Fabricante de Luminárias de IP | Bruno Gemus JUGANU |
| 14:35 - 14:45 | Jurídica - estruturação de financiamento | Fernando G Guimarães Guimarães e Cáceres Advogados |
| 14:45 - 14:55 | Perspectiva das ESCOs – <i>Energy Service Companies</i> | Alexandre Moana Abesco |
| 14:55 - 15:00 | Intervalo | |
| 15:00-15:10 | Perspectiva do BNDES – IP e PPPs | Lincoln Brando BNDES |
| 15:10 - 15:20 | Estruturador Privado | Alexandre Fernandes Energy Bolt |
| 15:20 - 16:00 | Debate e próximos passos | Moderador Ricardo Nogueira |

17/05: SUBGRUPO ÁGUA, SANEAMENTO E RESÍDUOS

| Hora | Conteúdo | Palestrante |
|---------------|---|--|
| 14:00 - 14:05 | Abertura | ABDE BID CVM GIZ |
| 14:05 - 14:10 | Status das iniciativas do SG Saneamento e apresentação da agenda e propósito da reunião | Carolina Griggs Consultora LAB |
| 14:10 - 14:25 | Frameworks ASG para o Saneamento e Infraestrutura Hídrica | Carla Carneiro e Eduardo Coelho Assessoria Internacional MDR |
| 14:25 - 14:40 | | Alfredo Carvalho e Denise Seabra Secretaria Nacional de Saneamento MDR |

17/05: SUBGRUPO ÁGUA, SANEAMENTO E RESÍDUOS

| Hora | Conteúdo | Palestrante |
|---------------|--|---|
| 14:40 - 14:55 | | Beatriz Ferrari e Tatiana Assali NINT |
| 14:55 - 15:00 | Intervalo | |
| 15:00 - 15:40 | Painel e discussão: Financiamento Sustentável do Setor Gargalos e Oportunidades Convidados especiais: Luana Pretto Trata Brasil Luciana Oriqui ASFAMAS (Associação Brasileira dos Fabricantes de Materiais para Saneamento) Percy Soares Neto – ABCON | Moderação Carolina Griggs |
| 15:40 - 16:00 | Debate e próximos passos | Carolina Griggs |

18/05: SUBGRUPO AGRICULTURA SUSTENTÁVEL E USO DA TERRA

| Hora | Conteúdo | Palestrante |
|---------------|--|---|
| 14:00 - 14:05 | Abertura | ABDE BID CVM GIZ |
| 14:05 - 14:10 | Status das iniciativas do SG Agro e apresentação da agenda e propósito da reunião | Rodrigo Lima Consultor LAB |
| 14:10 - 14:45 | Apresentação do Report Climate Bonds Initiative e Agropecuária de Baixo Carbono | Rodrigo Lima Juan Saeta Agroicone |
| | Iniciativa Framework ASG: carbono como ativo para financiamento | Dulce Benke Proactiva Marco Fujihara Aggrego |
| 14:45 - 14:50 | Intervalo | |
| 14:50 - 15:20 | Finanças sustentáveis para promover a bioeconomia e a valorização do capital natural: consultas a atores do mercado financeiro e engajamento na Iniciativa | Carlos Salgado BID |
| 15:20 - 15:40 | Apresentação do caso “Programa Territórios Sustentáveis no Pará” | Heloísa Helena Batista de Figueiredo SEDAP/Pará |
| 15:40 - 16:00 | Debate e próximos passos | Rodrigo Lima Juan Saeta |

19/05: SUBGRUPO TÍTULOS E FINANÇAS VERDES

| Hora | Conteúdo | Palestrante |
|---------------|--|----------------------------------|
| 14:00 - 14:10 | Abertura | Vasco CVM |
| 14:10 - 14:20 | Status das iniciativas e apresentação da agenda e propósito da reunião | Leonardo Werneck Consultor LAB |

19/05: SUBGRUPO TÍTULOS E FINANÇAS VERDES

| Hora | Conteúdo | Palestrante |
|---------------|--|---|
| 14:20 - 14:40 | Contextualização geral sobre a iniciativa, objetivos e metodologia | Caroline Prolo Líder |
| 14:40 - 14:55 | Frente de Trabalho: Visão Geral | Katia Fenyves e Laura Albuquerque Coordenadoras |
| 14:55 - 15:00 | Intervalo | |
| 15:00 - 15:10 | Frente de Trabalho: Mercado | Ana Luci Grizzi Coordenadora |
| 15:10 - 15:20 | Frente de Trabalho: Fundiária | Lúcia Aragão Coordenadora |
| 15:20 - 15:30 | Frente de Trabalho: Tecnologia | Mariane Takahashi Coordenadora |
| 15:30 - 15:40 | Frente de Trabalho: Estatal | Marcel Balassiano e Manoel Tabet Coordenadores |
| 15:40 - 16:00 | Conclusão e próximos passos | Leonardo Werneck Consultor LAB |

PARTICIPANTES

| | | |
|--|-------------------------------------|-------------------------------------|
| Ilana Ferreira ABCON SINDCON | Agroícone | Orlando Lima BID |
| Caroline Lompa ABDE | Alexandre Machado AMS | Rodrigo Ferreira BID |
| Leandro ABDE | Gustavo Ortolanb Anbima | Christina Chaves BNDES |
| Alexandre Moana Abesco | Eduardo Werneck APIMEC | Daniel Loureiro BNDES |
| Mariane Takahashi ABFintech | Luciana Oriqui ASFAMAS | Luciano Mitidieri BNDES |
| Maryane Machado ABGI | Gabriel Nascimento B3 | Lincoln Brando BNDES |
| Herisson Oliveira ABGI | Leonardo Bertanho B3 | Marcelo Miterhof BNDES |
| Katiane Gouvêa Abrafibras | Rafaela Sotelo B3 | Philip Casey BNDES |
| Raquel Castelpoggi Abrapp | Adilson Dias Banpará | Rodrigo Tosta BNDES |
| Michel Sednaoui Absolar | Jailson Gonçalves Banpará | Debora Marinovic Bradesco |
| Erica Gabriela AFD | Luan Souza Banpará | Marcelo Pasquini Bradesco |
| Kátia Fenyves AFD | Áurea Carvalho BDMG | Robson Amaral BRASFI |
| Mario Lewandowski AGBI | Gustavo Amaral BDMG | Rose Sena BRASFI |
| Juan Saeta Agroícone | Luciana Assis BDMG | Sofia Carra BRASFI |
| Leila Harfuch | Luisa Lambi BDMG | |

| | | |
|---|---|--|
| Mariana Albuquerque BTG Pactual | Marco Poli FINEP | Bruno Gemus JUGANU |
| Leonardo Gava CBI | Helio Laubenheimer Fundo Vale | Priscila Praum de Moraes Kaeté Investimentos |
| Rebeca Rocha CDP | Márcia Soares Fundo Vale | Danilo Zelinski KPTL |
| Camila Ramos CELA | Braulio Borges Future Carbon Group | Carolina Griggs LAB |
| Fábio Pereira CERC | Fabício Carvalho Future Carbon Group | Enilce Leite Melo LAB |
| Ana Paula Calil Cescon Barrieu | Fernanda Feil GIZ | Flavia Moraes LAB |
| Ricardo Bezamat CNC | Heloísa Batista Governo do Pará | Larissa Mazolli LAB |
| Luciana DallAgnol CNseg | Fernando Guimarães Guimarães & Cárceres | Leonardo Werneck LAB |
| Pedro Werneck CNseg | Kamyla Borges ICS | Luisa Becker LAB |
| Gabriela Coser CPI | Colin Plasken Independente | Ricardo Nogueira LAB |
| Daniela Baccas CVM | Igino Mattos Independente | Rodrigo Lima LAB |
| José Alexandre Vasco CVM | Marcel Balassiano InvestRio | Camila Scorpel Machado Meyer |
| Marcel Siqueira Eletrobras | Bruno Bernardo JPG | Cláudia Hori Machado Meyer |
| Juan Saeta Febraban | Carla Morais JPG | Larissa Gebrim Machado Meyer |
| André Castilho Felsberg Advogados | Cláudio Junior JPG | Mariana Rodrigues Machado Meyer |

| | | |
|--|---|---|
| Thais Moreno Machado Meyer | Proactiva | Caroline Prolo Stocche Forbes |
| Lucca Rizzo Mattos Filho | Tiago Andrade Lima Queiroz Cavalcanti | Beatriz Lavigne Tauil & Chequer Advogados |
| Denise Seabra MDR | Bruno Youssif Resultante | Luana Pretto Trata Brasil |
| Eduardo Coelho MDR | Tamara Handfas Rotta Moro Advogados | Ana Lucia Horta TNC |
| Felipe Brand Minfra | Gustavo Oubinha Sailventures | Marcos Gambi TNC |
| João Marcos Minfra | Martha Lopes Sebrae | Vanessa Fattorini TNC |
| Almir Vieira Silva Ministério da Agricultura | Manoel Tabet Secretaria da Fazenda do Rio de Janeiro | Ana Calil Tozzini Freire |
| André Araújo Ministério da Agricultura | Marcelo Salgado Secretaria da Fazenda do Rio de Janeiro | Bianca Peuker Tozzini Freire |
| Suíá Rocha Ministério da Agricultura | Rita Scarponi Secretaria da Fazenda do Rio de Janeiro | Luan Santos UFRJ |
| Peng Yaohao Ministério da Economia | Fernanda Bianco SIS | Paula Peirão Vert Capital |
| Alexandre Schinazi Mitsidi | Gilberto do Nascimento SIS | Ricardo Amatucci Vox Capital |
| Vinicius Vieiro Mitsidi | Márcio Gama SIS | Lúcia Aragão Vieira Rezende |
| Beatriz Ferrari NINT | Mariana Niquel Souto Correa | Laura Albuquerque Wey Carbon |
| Tatiana Assali NINT | Carina Montenegro Stocche Forbes | Ricardo Formento WEG |
| Dulce Benke | | |

RELATO DA REUNIÃO

Introdução e Objetivos da Reunião

Na primeira rodada de reuniões do GT FV em 2022, que ocorreu entre os dias 16 e 19 de maio, foram apresentados os trabalhos concluídos no ciclo anterior e as iniciativas em andamento. A presença dos membros foi significativa, com uma **média de 50 participantes por reunião**.

O principal objetivo foi **apresentar os planos de trabalho e atividades a serem desenvolvidas durante o ano por cada subgrupo**, para conhecimento de todos os membros do GT, de forma a buscar maior integração de todos e a alcançar possíveis interessados em integrar iniciativas das quais ainda não façam parte.

Neste relatório, será feito um relato de cada reunião dos quatro diferentes subgrupos, quais sejam: Agricultura Sustentável e Uso da Terra; Água, Saneamento e Resíduos; Energia; e Finanças e Títulos Verdes.

Subgrupo de Energia

A reunião do subgrupo de Energia, que ocorreu no dia 16, teve como principal tema debatido a **iniciativa 8: “Retrofit da Iluminação Pública (IP) no Brasil”, que possui o objetivo de destravar funding para acelerar a penetração de eficiência energética (EE) nas prefeituras que possuem menor capacidade técnica e/ou financeira.** O produto a ser entregue se trata de um modelo de negócios e minutas de editais de licitação, com as respectivas minutas de contratos de garantia e de administração fiduciária, de performance *bond*, e de prestação de serviços de engenharia. Os líderes da iniciativa são Marcel Siqueira (Eletrobras), Ricardo Bezamat (CNC) e Fernando Guimarães (Guimarães & Cáceres Advogados).

No primeiro bloco da reunião, foram apresentadas as perspectivas de diversos atores do mercado:

- Procel/Eletrobras – Marcel Siqueira
- Juganu (fabricante de luminárias) – Bruno Gemus
- Escritório de Advocacia (aspectos jurídicos) – Fernando Guimarães
- Abesco (ESCOs) – Alexandre Moana
- BNDES (financiador) – Lincoln Brando
- Energy Bolt (estruturador privado) – Alexandre Fernandes

Iniciou-se a rodada de apresentações destacando-se diversos pontos importantes referentes ao setor de IP. Inicialmente, destacou-se que, como se trata de um serviço de competência municipal, há uma grande diversidade no estágio de implementação de IP nos municípios brasileiros, estando o grande desafio da implementação de EE nos municípios menores, isto é, aqueles que possuem menos de 20 mil habitantes. Apresentou-se, brevemente, o Programa Procel Reluz, que utiliza recursos da Rio Grande Energia (RGE) para financiar a IP de municípios.

Como o grande problema dos municípios menores é a **falta de acesso a crédito para financiamento de projetos**, destacou-se a importância de haver a participação privada, que acontece, principalmente, através dos contratos de Parcerias Público-Privadas (PPPs). Além disso, como o desenvolvimento de projetos públicos é fortemente dependente de ciclos eleitorais, considerou-se fundamental que eles sejam elaborados de forma rápida, uma vez que 90% dos municípios não serão abrangidos rapidamente pelos modelos de negócio tradicionais. Ou seja, identificou-se a **necessidade de mudança dos modelos de negócio existentes**. Assim, avaliou-se que seria importante melhorar e aumentar o conhecimento de aspectos jurídicos e regulatórios para que as novas tecnologias existentes sejam implementadas nos projetos de IP dos municípios brasileiros.

Para mais informações, a apresentação “Perspectiva do Procel – Programa Nacional de Conservação de Energia Elétrica” pode ser consultada [neste link](#).

Em seguida, a fabricante de luminárias Juganu fez uma apresentação técnica dos projetos desenvolvidos na empresa, que tratam da instalação de plataformas inteligentes nas luminárias instaladas, pois possuem controle de luz, conexão Wi-Fi, câmeras de segurança, controle de alagamento, controle de trânsito e plataforma para 5G. Sobre a questão de financiamento,

comentou-se que existe a possibilidade de os municípios **utilizarem a COSIP** (contribuição para custeio do serviço de iluminação pública) **como garantia do *funding* de projetos**.

Para mais informações, a apresentação “A Revolução Juganu” pode ser consultada [neste link](#).

Após, foram apresentados os aspectos jurídicos da implementação dos projetos. Reforçou-se a questão da utilização da COSIP como forma de arrecadação, e comentou-se que há, atualmente, a tramitação de um Recurso Extraordinário no STF, sobre a possibilidade do uso da COSIP para expansão e melhoria da rede de IP municipal, destacando-se, porém, que nem todos os municípios brasileiros a instituíram.

Como alternativas para os municípios, foi informado que podem ser **formados consórcios públicos** entre eles, fazendo licitações, vinculação da COSIP; além de ser possível contar com **fontes de receitas alternativas**, que podem compor um fundo garantidor da PPP estruturada.

Em relação aos modelos de contratação de IP, informou-se que existem três utilizados pelos municípios: i. contratos de fornecimento e prestação de serviço associado, ii. contratos de concessão e iii. PPPs. Esses contratos possuem como base regulatória a Resolução Normativa da Aneel que viabiliza modelos de contratos de IP e resoluções da Anatel, que servem para o caso da aplicação do 4G/Wi-Fi ou 5G a serem utilizados como serviços que podem gerar receita adicional.

Assim, a questão a ser discutida seria qual o tipo de modelo de negócio pode ser estabelecido para gerar receitas adicionais. Um dos modelos seria sobre a regulação de empresas que ganharam concessões de 5G (ou grandes operadoras que têm 4G); ou através de outras licenças que a Anatel permite obter, como licenças privadas ou para uso secundário de rede. Tudo dependerá do tipo de modelo de negócios que será desenvolvido na iniciativa.

Finalmente, comentou-se sobre os aspectos de direito privado, falando-se da importância das questões ESG, imprescindíveis para a elaboração dos projetos de EE; e das possibilidades de estruturas jurídicas para financiamento de projetos (financiamento pelos municípios ou pelo concessionário).

Para mais informações, a apresentação “Guimarães & Cárceres” pode ser consultada [neste link](#).

Na apresentação da Abesco, expôs-se brevemente sobre a evolução das luminárias utilizadas na IP dos municípios, e comentou-se sobre a importância da dimerização, isto é, o uso de inteligência para a modulação do que pode ser iluminado, com estabelecimento de, por exemplo, tempo de iluminação.

Na apresentação do BNDES, falou-se sobre a atuação do Banco como estruturador e financiador de projetos de municípios. Em relação à estruturação, foi informado que são feitos, basicamente, contratos de PPP; e, no financiamento direto, eles possuem uma linha de EE, que apoia despesas de capital (exceto importados), com prazos máximos de 20 anos, mas exige-se credenciamento das luminárias. Além disso, para aprovações feitas até dezembro de 2024, há a possibilidade de utilização do Fundo Clima, que é um *funding* específico do BNDES utilizado em projetos que tenham impacto demonstrável e substancial na redução de emissões de CO₂.

Após, comentou-se que o **perfil dos projetos de EE em IP tem a característica de forte geração de caixa, baixa complexidade de implantação e curto ciclo de *payback***, de forma que o cenário é competitivo para investidores e financiadores (abre espaço para pequenas e médias empresas), e outros atores podem ser envolvidos no financiamento desses projetos, haja vista que o BNDES financia projetos de longo prazo de maturação. Além disso, argumentou-se que de todos os municípios brasileiros, há aproximadamente 500, apenas, que preencheriam os requisitos para tomar dívida, que são, geralmente, os municípios maiores. Para os municípios menores, as alternativas possíveis seriam os repasses federais e estaduais; além dos consórcios entre municípios, que permitem maiores alternativas de financiamento; e contratos de performance.

Finalmente, na finalização do primeiro bloco da reunião, comentou-se sobre a importância de se estudar os municípios menores e elaborar projetos específicos para eles, sendo necessário ampliar as ferramentas jurídicas para aplicação do modelo de negócios a ser desenvolvido.

No segundo bloco da reunião, foi realizado um breve debate entre os participantes, com a indicação dos próximos passos da iniciativa.

Questionou-se **como se daria o financiamento dos municípios menores**, que é o objeto principal do projeto do LAB, e onde estão os principais gargalos.

Primeiramente, argumentou-se que não existe uma solução fácil. Geralmente, municípios que não possuem *rating* para obter financiamento têm a opção de estruturar licitações e leilões de PPP. Afirmou-se que os principais gargalos são CND (certidão de adimplência, para conseguir repasses da União); problemas de disponibilidade de recursos, que são majoritariamente provenientes de repasses (Fundo de Participação dos Municípios (FPM), ICMS); falta de governança (não há equipes próprias que possibilitem a elaboração de documentos e estratégias para o município); e a COSIP, quando existente, é de baixa eficiência. Além disso, as ferramentas, principalmente jurídicas, seriam muito complexas, e os municípios não possuiriam capacidade técnica específica para tanto, principalmente em se tratando de consórcio de municípios.

Resumiu-se, então, a identificação dos problemas/gargalos da seguinte forma: há cerca de 5 mil municípios que têm IP, mas não a infraestrutura adequada, capacidade de pagamento, tamanho, etc., para conseguir sequer uma solicitação de financiamento. Portanto, chega-se ao cerne da questão, que é como conseguir financiamento para esses municípios, **como estruturar produtos para financiar EE em IP**. Diante disso, a proposta da iniciativa é entregar minutas de contrato, sendo necessário especificar qual será o produto a ser entregue pelo subgrupo, o que envolve muitos desafios. Que minuta de edital conseguirá abranger um grande número de municípios? – a solução não é evidente. Um modelo de formação de consórcios poderia ser um caminho; uma outra possibilidade seria trazer para a discussão as três grandes organizações de municípios, FNP, CNM e ABM, que poderiam trazer a visão dos municípios pequenos e auxiliar na elaboração dos materiais. Poderia ser realizado treinamento de formação de consórcios, treinamento para utilização dos editais que serão desenvolvidos na iniciativa, divulgação do material, entre outras possibilidades.

Além disso, apontou-se que os problemas identificados se aplicam também à iniciativa de EE em comércio e serviços, que enfrenta o desafio de como o financiamento chegará em pequenos projetos. Existe um grande grupo de municípios, e é difícil que empresas que fiquem à frente da mobilização dos projetos consigam atender uma grande quantidade de municípios. Logo, o modelo de formação de consórcios seria uma ideia interessante. Além disso, seria importante o aprendizado dos municípios para se organizarem e se estruturarem, com o objetivo de melhorar a governança. Se trabalha, normalmente, com associações regionais/estaduais para fazerem esse papel.

Por fim, mencionou-se a possibilidade de criação de uma empresa estadual de EE e IP em vez de estruturação de consórcios, como forma de facilitar toda a implementação.

Ao final da reunião, pontuou-se dois desafios ao subgrupo: desenvolver o modelo de negócios e debater a ideia com as prefeituras. Logo, como próximos passos possíveis, poderia ser selecionado um município como “piloto” da iniciativa, com o objetivo de identificação dos principais gargalos enfrentados e para que seja desenvolvido o modelo de negócios que se aplique à sua realidade, para que possa ser implementado, posteriormente, em outros municípios brasileiros.

Subgrupo: Água, Saneamento e Resíduos

Na reunião do subgrupo de Saneamento, que ocorreu no dia 17, houve a apresentação do *framework* ASG desenvolvido pelo Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR) para o setor de saneamento e, posteriormente, houve um painel de discussão sobre o financiamento sustentável ao setor, buscando trazer gargalos e oportunidades. O objetivo foi identificar como o grupo pode desenhar propostas que auxiliem no destravamento do mercado.

Primeiramente, destacou-se a publicação do estudo "Financiamento do Saneamento Básico via Mercado de Capitais: Desenvolvimento, Perspectivas e Oportunidades", disponível [neste link](#), desenvolvida no âmbito desse Subgrupo, e que concluiu a Iniciativa 1.

No primeiro painel da reunião, foi apresentado o **Framework ASG para Saneamento e Infraestrutura Hídrica** desenvolvido pela NINT para o MDR.

Inicialmente, destacou-se o alinhamento das instituições públicas nacionais com o desenvolvimento sustentável, e destacou-se que a mobilidade de recursos internacionais é imprescindível para aceleração desta agenda, além de ser importante a mobilização de recursos dos programas nacionais e supranacionais de desenvolvimento sustentável. Em relação à atração de investimentos para o desenvolvimento regional, a garantia de prestação de serviço público de qualidade à população e a busca de alinhamento das taxonomias e certificações sustentáveis para a captação desses investimentos seriam imprescindíveis. Para isso, acredita-se que é necessária a **estruturação de novas arquiteturas de financiamento, como utilização de blended finance**, do qual deriva-se a formação de parcerias estratégicas nacionais e internacionais.

Sobre os *frameworks* ASG desenvolvidos, seu objetivo é a coleta de "níveis ASG" dos projetos, ou seja, fazer a mensuração do nível de incorporação de critérios ASG nos projetos de saneamento e infraestrutura hídrica do MDR. Apontou-se possíveis aplicações dessa ferramenta: servir de requisito para elaboração de estudos de modelagem da estruturação dos projetos; promover o mercado de capitais como fonte de recursos de longo prazo; incorporar as recomendações nos critérios de seleção; e embasar a hierarquização pela fonte de recursos.

Após, destacou-se que o **tema ASG assumiu um protagonismo no mercado financeiro**, de forma que as empresas começaram a incorporar estes critérios internamente. O setor de debêntures para o setor de saneamento, por exemplo, está crescendo e se fortalecendo, o que faz com que o mercado de capitais se torne uma alternativa ao financiamento de projetos do setor.

Considerou-se que, atualmente, o **setor de saneamento está passando por uma fase positiva**, com publicação de novas portarias, ampliação do volume de recursos disponíveis por debêntures incentivadas e com recursos do FGTS, etc., o que mostra o fortalecimento do mercado de capitais para o setor. Assim, em relação à aplicabilidade, o MDR vê a possibilidade da aplicação dos *frameworks* desenvolvidos na estruturação de projetos e nos *fundings* dos investimentos que estão sob a gestão do MDR (FGTS e debêntures incentivadas).

Em seguida, houve a apresentação do desenvolvimento do projeto de taxonomia e *frameworks* sustentáveis para o setor de saneamento e infraestrutura hídrica do MDR. Primeiramente,

esclareceu-se que a taxonomia tem o objetivo de enquadrar os projetos em critérios ASG; e os *frameworks* são ferramentas que facilitam a implementação da taxonomia (ferramenta no Excel).

Foram desenvolvidos duas taxonomias e cinco *frameworks* ASG para avaliação dos projetos em Saneamento Básico e Infraestrutura Hídrica, e foram realizados testes em projetos do MDR. Como mencionado anteriormente, o objetivo é o enquadramento dos projetos em critérios ASG. Como *benchmarks*, foram utilizados a Climate Bonds Initiative (CBI), Task Force on Climate-Related Financial Disclosures (TCFD), International Financial Corporation (IFC), International Organization for Standardization (ISO) e European Commission. Adicionalmente, houve trocas com grupos técnicos do MDR para adaptar as taxonomias ao Brasil (tropicalização).

Para mais detalhes sobre o desenvolvimento desse projeto, consulte a apresentação “MDR - Taxonomias e Frameworks ASG para saneamento básico e infraestrutura hídrica” [neste link](#).

No segundo painel da reunião, o objetivo foi **levantar possíveis gargalos existentes para o financiamento do setor de saneamento, de forma a fomentar discussões sobre como o subgrupo poderia auxiliar a destravá-los**. Para isso, contou-se com a apresentação do Instituto Trata Brasil, OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) formada por empresas com interesse nos avanços do saneamento básico e na proteção dos recursos hídricos do país; da Asfamas, associação setorial que reúne indústrias de materiais e equipamentos para hidráulica e saneamento, edificações e obras de infraestrutura; e da ABCON SINDCON (Associação e Sindicato Nacional das Concessionárias Privadas de Serviços Públicos de Água e Esgoto), entidade que reúne as operadoras privadas de saneamento no Brasil.

Inicialmente, apontou-se como o **setor de saneamento se relaciona com os três pilares do ASG**:

- Ambiental => exemplo: rios poluídos. Qualquer investimento que atue em prol da despoluição auxilia o meio ambiente.
- Social => milhões de pessoas não têm acesso à água potável e saneamento básico. Existem estudos da Trata Brasil que afirmam que 2,5 milhões de mulheres não possuem banheiros; e que de 1 a 4 mulheres não tem acesso à água com regularidade, entre outros.
- Governança => é necessário haver uma boa governança que possibilite que haja melhora na infraestrutura atual.

Adicionalmente, mencionou-se outro estudo do Instituto que destaca que a universalização do saneamento traz R\$ 1,1 trilhões em ganhos para o Brasil, advindos, principalmente, de ganhos de produtividade, isto é, as pessoas faltam menos ao trabalho, têm um melhor desempenho escolar, etc. Ou seja, investimentos no setor de saneamento estimulam o desenvolvimento econômico. Além disso, existe a necessidade de aumentar-se os investimentos no setor, que, atualmente, são de R\$ 13 bilhões ao ano, devendo chegar em cerca de R\$ 32 bilhões e R\$ 40 bilhões.

Em seguida, destacou-se a necessidade de as empresas sustentáveis puxarem o tema ASG em toda a cadeia de valor. Por exemplo, uma empresa sustentável não pode comprar de fornecedores que não o são. É importante trabalhar com o conceito de rastreabilidade: por

exemplo, o quanto de perdas d'água provém de inadequação de materiais e de manutenção? Existem diversos indicadores que mostram este perfil das perdas. Por fim, comentou-se sobre a importância de projetos, como a taxonomia e *frameworks* desenvolvidos pelo MDR, para que haja avanços no setor, especialmente no momento positivo atual para o setor de saneamento.

Após, destacou-se que o **financiamento verde deve ser pensado como alternativa de financiamento**. É importante ouvir as empresas menores do setor, entender quais gargalos de financiamento que enfrentam, pois há diversas localidades que não têm capacidade de pagamento para solicitar financiamento. Ou seja, o financiamento verde deve ser encarado como solução/alternativa para os municípios que não têm acesso a recursos.

Em seguida, sob moderação da consultora-especialista do subgrupo, Carolina Griggs, passou-se então para um debate sobre o financiamento no setor e possível atuação do LAB.

Atualmente, há um **aumento da demanda por indicadores de eficiência energética**, o que deveria ser explorado entre os atores, sendo importante haver a troca entre instituições, para haver remodelagem das estruturas. Comentou-se sobre a dificuldade de alteração nos critérios do FGTS, regulado pelo MDR, em que qualquer alteração nas resoluções movimenta muitas instituições e ministérios. O desafio é incorporar critérios que, por um lado, criem um mecanismo de incentivo (como adesão voluntária), mas que não onere o tomador privado, mas que o estimule a se movimentar nessa direção.

Adicionalmente, tem-se que o setor de saneamento é renda-inelástico, ou seja, quando se passa por crises econômicas, a receita do setor não se altera. O que o afeta o setor são crises hídricas e impactos decorrentes das mudanças climáticas, de forma que o grande desafio seria a insegurança jurídica: insegurança tarifária, inseguranças quanto ao cumprimento das regras, entre outros. Ainda, observou-se que o investidor está absorvendo as mudanças e as novas regras do setor.

Ao final da reunião, sugeriu-se que seja feita uma nova rodada de conversas, com a apresentação de ideias e propostas das instituições e membros do subgrupo, para que sejam identificadas possíveis contribuições do LAB no avanço do financiamento do setor via mercado de capitais.

Subgrupo: Agricultura Sustentável e Uso da Terra

A reunião do subgrupo de Agricultura, que ocorreu no dia 18, teve como **foco os temas de framework ASG para uma agricultura sustentável e o financiamento à bioeconomia e a valorização do capital natural**. As apresentações tiveram como objetivo engajar os membros nas iniciativas em andamento.

Rodrigo Lima, consultor-especialista do subgrupo, iniciou a reunião com a apresentação do status das iniciativas, apontando para as que estão em fase de conclusão: artigo sobre LCA verde, que está em fase de conclusão pela Mattos Filho, com base em entrevistas de atores financeiros; e relatório da CBI sobre Agricultura de Baixo Carbono.

Sobre o **Report CBI e Agricultura de Baixo Carbono**, o relatório começou a ser construído antes da aprovação do Plano ABC+ pelo MAPA, quando a CBI aprovou os critérios para agricultura. O objetivo era avaliar o quanto o Plano ABC evoluiu, e, após a aprovação do ABC+, o relatório teve de ser atualizado. Assim, entrou-se em contato com a Embrapa, solicitando dados atualizados.

Lembrou-se que, em 2020, a CBI lançou os *climate bond standards* para a agricultura, com o objetivo de impulsionar as emissões dos títulos verdes e que os resultados climáticos fossem passíveis de verificação. Os vetores basilares dos critérios são: os projetos agrícolas incluídos nos títulos devem proporcionar mitigação ou adaptação às mudanças climáticas; e os resultados devem ser empreendidos de forma pragmática, e que fortaleçam o engajamento e o uso da escalabilidade dos temas. Em relação à parte prática, as culturas elegíveis são as perenes e não perenes, e os recursos devem ser utilizados tanto na unidade de produção ou fora, desde que reflita na adaptação ou mitigação da unidade agrícola às mudanças climáticas.

Destacou-se que o Plano ABC+ é parte da estratégia brasileira para cumprimento do Acordo de Paris, destacando-se o programa de acesso ao crédito e financiamento, pois há muitas áreas degradadas que precisam de recursos para recuperação. Comentou-se que há três ações a serem desenvolvidas, previstas no Plano: estímulo aos agentes financeiros para atender às demandas de financiamento dos SPS; estímulo a seguradoras para considerarem menor risco de perdas na contratação do seguro rural para produtores que adotam e mantêm as tecnologias (produtor mais preparado/adaptado – menor risco – seguradoras oferecem preços mais competitivos); e estímulo à criação de novos mecanismos de financiamento via economia verde (sinergia com o que se aborda no LAB).

Para mais informações, acesse a apresentação: [link](#).

Em complemento à apresentação, comentou-se sobre os critérios de agricultura considerados pelo CBI: além das culturas perenes e não-perenes, também há critérios para a pecuária, como bons tratos a animais e origem de rações.

Apontou-se para a **dificuldade de se criar uma taxonomia para o setor de agricultura**, pois é difícil criar critérios que abranjam todas as instituições agropecuárias. Assim, quando se compara critérios desenvolvidos para diferentes instituições, haverá diferenças.

Por fim, apresentou-se sobre a emissão de títulos verdes agrícolas já emitidos, certificados pela CBI:

- 1º *green bond*, emitido pela Rizoma Agro: CRA verde (R\$ 20 milhões), com destinação à produção orgânica, silos e armazenamentos, equipamentos modernos, sistemas de plantio direto, integração lavoura-pecuária e práticas agrícolas de baixo carbono;
- 2º *green bond*, emitido pela Gaia: CRA verde (R\$ 12 milhões), para beneficiar sete produtores agrícolas da região centro-oeste, para preservação e uma área de 24 mil hectares de vegetação nativa; e
- 3º *green bond*: emitido pela Solid Fintech, CRA verde (R\$ 24 milhões), para o aprimoramento e desenvolvimento de tecnologias digitais para a agricultura, com foco em mitigação e adaptação das mudanças climáticas

Para mais informações, acesse a apresentação “Critério para Agricultura: Fomentar o mercado de capitais para ação climática na agricultura” [neste link](#).

Após, seguiu-se para a apresentação da **Iniciativa de Framework ASG**, liderada por Dulce Benke (Proactiva) e Marco Fujihara (Agreggo). Apresentou-se o objetivo da iniciativa, o estágio atual e os próximos passos que deverão ser seguidos.

O objetivo principal é **elaborar um panorama sobre os principais títulos sustentáveis no Brasil e elencar critérios essenciais para um benchmark na Agropecuária**. Então, para iniciar o trabalho, será conduzida uma rodada de conversas/entrevistas com atores relevantes do mercado para avaliar gargalos e oportunidades que impulsionem os títulos verdes, de forma que será possível fazer uma análise comparativa com *frameworks* e taxonomias aceitas globalmente. O produto final será uma publicação.

Também foram apresentadas perguntas norteadoras para a rodada de conversas com os atores relevantes, que podem ser acessadas [nesta apresentação](#). O olhar está focado na agenda de carbono, e como esse aspecto está sendo incorporado como um ativo nesses instrumentos.

Por fim, fez-se a apresentação do cronograma de atividades e entregas, que também podem ser consultadas no link da apresentação.

Como próximos passos:

- Será definido se as entrevistas serão individuais ou em uma reunião do subgrupo;
- Será construída uma matriz de *benchmark* e análise comparativa;
- Será feita a estruturação da publicação; e
- Sugere-se a realização de um webinar para apresentação de resultados.

Em seguida, o consultor Rodrigo Lima apresentou o estágio atual e os próximos passos da iniciativa sobre o **Financiamento Sustentável para Bioeconomia e a Valorização do Capital Natural**, coordenada por Carlos Salgado (BID) e Rafael Ribeiro (Conexus).

O objetivo da iniciativa é **mapear critérios que vinculam projetos de bioeconomia para se elaborar um diagnóstico sobre entraves para o financiamento de projetos nesse setor**. Para isso, o grupo pretende identificar/mapear *cases* de projetos e entender seus entraves, por

meio de entrevistas com instituições financeiras atuando neste mercado e outros *players* relevantes. Foram elaboradas perguntas norteadoras para as conversas, que podem ser acessadas na apresentação [deste link](#). A princípio, os atores selecionados foram BB, BASA, BNDES, Banpará, Plano Amazônia (Itaú, Santander e Bradesco), Gaia Investimentos, Concertação pela Amazônia.

No segundo bloco da reunião, foi apresentado o case **Programa Territórios Sustentáveis no Pará**, no âmbito da SEDAP.

Apresentou-se o contexto e desafios do estado do Pará, que apresenta 20% da biodiversidade do planeta, e ressaltou-se que o Estado é campeão em desmatamento no Brasil e é o maior emissor de gases de efeito estufa.

O Plano Amazônia Agora se trata de uma estratégia de estímulo de práticas e tecnologias de baixas emissões de carbono, cujo foco principal iniciou na área de maior pressão, Araguaia, que se caracteriza por ser de difícil acesso e área de reservas indígenas. Um dos gargalos identificados foi que boa parte da região está sob domínio da União, o que limita a ação estadual. Além disso, foram observados outros gargalos, como estrutura deficitária dos órgãos que atuam na região, até mesmo dos poucos órgãos federais presentes. Assim, para cada entrave encontrado, foram sugeridas soluções, como reestruturação dos órgãos para atuação nos territórios prioritários.

Ao final, apresentou-se os resultados do primeiro ano de atuação: mais de 400 títulos de propriedade foram entregues; houve grande interesse dos agricultores da região, pois a adesão ao programa é voluntária; e implantou-se mais de 400 hectares de sistemas agroflorestais.

Para mais informações, acesse a apresentação “Política de atuação integrada de territórios sustentáveis” [neste link](#).

Subgrupo: Finanças e Títulos Verdes

No último dia da rodada de reuniões, 19 de maio, foi realizada a reunião do subgrupo Finanças e Títulos Verdes, com foco na iniciativa de Mercados Voluntários de Carbono, que tem como **objetivo identificar os gaps e entraves para o desenvolvimento dos mercados voluntários de carbono no Brasil e apontar possíveis caminhos para solucionar essas dificuldades de forma propositiva.**

No início da reunião, Leonardo Werneck, consultor-especialista do subgrupo, recapitulou os trabalhos realizados no último semestre:

- Iniciativa Produtos e Títulos Verdes: trilha de webinars sobre novos instrumentos financeiros, disponíveis no [canal do Youtube do LAB](#);
- Iniciativa de Mercados de Carbono:
 - o Q&A sobre Mercados de Carbono, disponível [neste link](#); e
 - o Cartilha resumo sobre a trilha de webinars realizada em 2021, disponível [neste link](#).

Em seguida, passou-se para a pauta principal da reunião, a **nova Iniciativa de Mercados Voluntários de Carbono.**

A coordenadora da iniciativa, Caroline Prolo (Stocche Forbes Advogados) fez uma breve introdução. A iniciativa atuará de forma propositiva, com o objetivo de mapear potenciais soluções para os gargalos e entraves identificados pelos membros. A ação se dará em cinco frentes de trabalho:

- Visão Geral;
- Mercado;
- Tecnologia;
- Fundiária; e
- Estatal.

As reuniões das Frentes de Trabalho tiveram início nas duas primeiras semanas de maio, e as notas e áudios podem ser acessados na [pasta compartilhada](#) da iniciativa. As reuniões, de modo geral, seguirão com periodicidade quinzenal.

As frentes contam com lideranças, que coordenam os debates nos respectivos grupos. Cada uma delas apresentou, de forma sucinta, o objetivo da iniciativa, os principais tópicos debatidos até o momento e a expectativa para as próximas reuniões.

Informações sobre a iniciativa podem ser acessadas na apresentação [deste link](#).

Frente 1 - Visão Geral

Liderada por Katia Fenyves, da AFD, e Laura Albuquerque, da Way Carbon, a primeira reunião desta frente ocorreu em 04 de maio.

Os principais pontos debatidos foram:

- **Mapeamento dos atores relevantes ao funcionamento do mercado**, desde a oferta até a compra final dos créditos de carbono;
- Identificação de existência de um *trade-off* entre o mapeamento setorial e o mapeamento geral dos tipos de créditos de carbono e as cadeias dos atores relativos a cada uma delas, pois muitas vezes isso facilita ou tira clareza da discussão;
- Como os atores nacionais estão interagindo em relação aos *players* internacionais? Foi discutido entre os membros que existem desenvolvedores de projeto nacionais e internacionais, mas plataformas de negociação, padrões de certificação e compradores de créditos ainda estão concentrados no exterior.

Frente 2 - Infraestrutura de Mercado

Liderada por Ana Luci Grizzi, a iniciativa foi apresentada por Caroline Prolo, uma das coordenadoras gerais da iniciativa.

A primeira reunião ocorreu em 05 de maio, e apresentou-se as perguntas norteadoras desenvolvidas para guiar a reunião, que podem ser consultadas no link da apresentação da iniciativa, anexado acima. O objetivo foi a **identificação da estrutura atual de registro e de comercialização**. Destacou-se a **preocupação com segurança jurídica nacional**, pois a maioria dos registros e plataformas são internacionais. Além disso, a infraestrutura nacional ainda é muito incipiente, e teme-se que sua melhora gere muita burocracia e custos excessivos de transação.

Em complemento, destacou-se que um ponto muito importante será entender a interação entre os créditos do mercado "regulado" e do voluntário, como isso afetaria dinâmicas, preços, adicionalidades, etc. Assim, é importante pensar em um padrão de certificação nacional, pois grande parte das certificadoras são internacionais, que não capturam as especificidades do Brasil, como biomas, práticas agrícolas e uso da terra, etc.

Adicionalmente, apontou-se que a IOSCO estendeu sua Força Tarefa que trata de temas sustentáveis para os mercados de carbono, o que mostra a aproximação da iniciativa com o que está sendo feito globalmente.

Por fim, comentou-se sobre as perguntas norteadoras, afirmando que é necessário haver uma infraestrutura de negociação que proporcione a captação de altos volumes. Dessa forma, seria necessário um ambiente de negociação (bolsa) suportado por uma câmara de compensação que diminua o risco de mercado das transações. Além disso, também deveria haver uma infraestrutura de custódia no Brasil. Ainda, destacou-se que a atual fragmentação do mercado um problema, pois o ideal seria haver um mercado centralizado.

Frente 3 - Fundiária

Sob a liderança de Lúcia Veloso Aragão, do escritório de advocacia Vieira Rezende, a primeira reunião desta frente ocorreu em 09 de maio. A principal discussão se deu em torno da regularização fundiária.

Comentou-se que áreas públicas e áreas indígenas podem ser utilizadas em futuros projetos, mas para isto é necessária a padronização dos critérios, pois o **sistema é pouco atualizado/digitalizado, principalmente no que tange à centralização dos registros** (registros de imóveis são descentralizados, pois são feitos em cartório, de forma não digitalizada). Além disso, **muitos imóveis públicos não são regularizados**. Levantou-se que um importante debate é sobre como os estados e municípios podem utilizar as terras em sua propriedade para gerar crédito de carbono. Assim, apontou-se a importância da digitalização dos sistemas de registros de imóveis, que permita o acesso público e o rastreamento/geolocalização, para que haja maior segurança no mercado e garantia de que o imóvel existe e está regulado. Os membros da frente deram a sugestão de conversar com o governo do Amazonas, que possui uma frente de trabalho nesse sentido, além do BNDES e FUNAI.

Frente 4 - Tecnologia

Liderada por Mariane Takahashi, da ABFintechs, a primeira reunião da frente de Tecnologia ocorreu em 12 de maio, com foco na **discussão da tecnologia blockchain**, destacando-se a importância de transparência e rastreamento. A primeira reunião fez um *brainstorming* sobre *cases* e possíveis usos da tecnologia para auxiliar a estruturação do mercado de carbono. Destacou-se a importância da **identificação dos principais players neste segmento**, como passo inicial.

Frente 5 - Estatal

A frente Estatal, cuja reunião ocorreu em 12 de maio, está sob liderança de Marcel Balassiano, da Secretaria da Fazenda do Rio de Janeiro, e de Manoel Tabet, da InvestRio.

Contextualizou-se o trabalho que está sendo feito no Rio de Janeiro pela Secretaria da Fazenda, em que foi criado, em junho de 2021, um grupo de trabalho envolvendo diversas Secretarias do RJ, para fomentar a criação de um mercado de créditos de carbono na cidade.

Abordou-se sobre as vantagens dos mercados regulados: demanda garantida, regras para abatimento, regras sobre os créditos e transações, etc.; porém, afirmou-se que trazer uma obrigação às empresas no presente momento seria similar a “taxá-las”, o que causaria um deslocamento das emissões, e não a sua redução. Pensou-se, então, como alternativa no Rio, no **mercado voluntário**, que está crescendo muito nos últimos anos. Contudo, ele possui duas **fragilidades: a demanda não é garantida e não existe um padrão de confiança dos créditos, o que traz insegurança para o mercado**. Assim, houve a tentativa de atuação do Rio para superar essas fragilidades, com destaque para o ISS neutro, que prevê uma compensação no ISS para empresas localizadas no Rio que comprem créditos de carbono de ações que reduzam as emissões dentro da cidade.

Ao final da reunião, o consultor Leonardo Werneck convidou os membros a ingressarem na iniciativa, destacando a participação positiva de diversas instituições. Os próximos passos serão finalizar as rodadas de reuniões de mapeamento de gargalos, para que seja definido o produto que será entregue pela iniciativa.

CONCLUSÃO E ENCERRAMENTO

Ao final desta rodada de reuniões, observamos a importância do engajamento dos membros dos subgrupos para o avanço das iniciativas propostas, com o objetivo de melhorar e auxiliar o desenvolvimento do mercado de capitais brasileiro no que concerne ao direcionamento dos fluxos de recursos e o financiamento voltado à sustentabilidade.

Em cada subgrupo, foram definidos como eixos prioritários:

- Agricultura: foco na iniciativa de Framework ASG e Bioeconomia;
- Saneamento: busca-se superar as dificuldades de financiamento, explorando-se o *blended finance* no setor;
- Energia: foco na aceleração da penetração de eficiência energética na iluminação pública de pequenos municípios;
- Finanças e Títulos Verdes (Transversal): atuação nos mercados de carbono, em especial, no mercado voluntário, buscando-se superar entraves e desenvolvê-lo no Brasil.

Links para as gravações das reuniões:

[Subgrupo Energia](#)

[Subgrupo Água, Saneamento e Resíduos](#)

[Subgrupo Agricultura Sustentável e Uso da Terra](#)

[Subgrupo Títulos e Finanças Verdes/Mercado de Capitais](#)

